

UMA LEITURA DE *MEU TIO O IAUARETÊ*

Irene Zanette de CASTAÑEDA*

A finalidade deste artigo é fazer uma leitura, de certo modo, antropológica e psicológica, da novela de Guimarães Rosa *Meu Tio o Iauaretê*, cuja temática será a **desconstrução do ser**, uma síntese da nossa dissertação de mestrado.

O tipo de leitura que faremos a seguir deve-se ao fato de vermos nesta obra de arte não apenas um jogo de imaginação e habilidade do autor no artesanato da palavra, mas o seu alto valor significativo, sobretudo pelo conhecimento do sertão e sobre as relações entre seus **viventes**, ou seja, pelo testemunho dos conflitos, das crenças, dos interesses e do instinto do nativo brasileiro, ora sacrificado pela ganância do colonizador, ora abandonado na cultura do anonimato. Enfim, lembrando as palavras de Umberto Eco, esta novela é uma **metáfora epistemológica da realidade**.

Antes de iniciarmos a nossa leitura, faremos uma sinopse rememorativa dos fatos essenciais que marcam o texto, a fim de facilitar o entendimento da nossa visão: numa noite, um homem, morador de um rancho aberto e iluminado, no meio da floresta fechada, recebe um estranho visitante que vem em busca de informações sobre a morte de pessoas na região. O diálogo entre os dois marca todo o texto; porém aparece apenas a fala desveladora do anfitrião, enquanto que a do hóspede é subentendida. O morador oferece teto, leito e comida; o outro, cachaça, para facilitar a conversa cuja finalidade é descobrir o autor das mortes. O morador, – nativo aculturado – vai gradativamente despojando-se de todos os elementos que o marcam como colonizado e como homem e assume o animal. No momento da metamorfose em onça, é morto a tiros.

* Doutor em Letras pela USP.

Um diálogo subentendido e misterioso aquece uma noite inteira. Nele, a personagem central, narrador protagonista, constrói o enredo, desconstruindo-se, assim como a sua linguagem. Mostra ao seu interlocutor, numa fala ininterrupta, sua trajetória humana, animal e, finalmente, sua sobrenatureza, quando parece diluído no terreno físico, ao morrer como homem e como animal; porém, deixa entrever que ocupará, após sua morte – na Terra – o lugar da sétima estrela das Plêiades (ou Sejuçu), que não aparece no céu.

Durante a conversa, o morador do rancho vai gradativamente despojando-se daqueles aspectos que o caracterizam como: a) nativo aculturado, colonizado, predador de onças; b) materialista capitalista, preocupado em conseguir dinheiro mesmo prejudicando seu semelhante para acumular bens materiais; c) cristão, reabitando-se como onça; d) homem, sem remorso por matar homens; e) linguagem humana; f) ser racional; animal onça; g) natureza.

Paralelamente a esse despojar de um ser, o protagonista vai adquirindo outros aspectos não humanos como: a) a irracionalidade através da reencarnação do tio, indomável matador de homens; b) a linguagem animal; c) o fogo roubado dos ancestrais; d) a identificação com a natureza; e) amor natural.

Presenciando a metamorfose, o **interlocutor** não enuncia uma palavra sequer, embora possua uma linguagem. A fala do *emissor* é subentendida e persuasiva, sobretudo quando é materializada pela cachaça e pela arma de fogo. A bebida alcoólica é oferecida com certa constância ao anfitrião, para produzir o efeito “abertura” na sua fala. Este, conseqüentemente, acaba soltando a língua e desvelando o segredo. Deixa entrever que fora ele o autor das mortes ocorridas na região. Finalmente, diante da verdade, é fulminado pela arma de fogo, mais um produto industrializado que se impõe como força e poder sobre o outro.

Diante dessa polaridade cultural, podemos associar o presente texto ao contexto histórico do homem no Brasil e na América desde a **descoberta**. Assim, o motivo maior da morte do protagonista não seria

apenas o de defesa diante do medo da onça, mas decorrente da impotência na compreensão da cultura do nativo e da natureza, em consequência da formação eurocêntrica do visitante. Este seria a próxima vítima a ser sacrificada ao totem-onça, como forma de reposição pelas perdas na região. Dessa forma, há imposição de uma cultura sobre a outra, por meio do poder da técnica.

Nesse sentido, pode-se considerar que, enquanto o colonizador civilizado aparece de forma metafórica – através de seus instrumentos industrializados de natureza técnica e científica, a cachaça e a arma de fogo – o nativo é espontâneo, natural, sem malícia; por isso, mais fraco. Na concorrência desses dois mundos, morre a natureza e fica a técnica, morre o homem, fica a máquina. Esta é, portanto, a marca inicial do homem des-sensibilizado que vai dominar a sociedade administrada.

A presença do **visitante** provoca uma situação dramática. Trata-se do retorno de um passado remoto, através da fala ritualizada que promove não só a criação mas também a destruição de um universo vital e cultural. Isto pode ser percebido através das palavras:

Eu viro onça grande. Tubixaba (...)
mas eu sou onça. Jagaretê, tio meu, irmão de minha mãe,
tutira. (Guimarães Rosa, 1969, p.158).

(...) Mecê olha Sejuçu tem quatro estrelinhas mais duas.
A bom! Cê enxerga. A outra que falta? Enxerga não? – é
eu, minha mãe me disse ... (Guimarães Rosa, 1969,
p.148).

(...) Mecê me mata... onça vem Maria-Maria come Mecê (...)

(...) Faz isso não, faz não ...

Nhenhêném ... Heeeé!...

êêê ... êê ... ê ... (Guimarães Rosa, 1969, p.159).

Diante disso, podemos inferir que o conto se deixa ler como uma simbiose de expressão e pensamento mítico e místico ou psicológico. Mítico porque volta à origem, ao tempo inicial, da sua comunidade; místico, enquanto metáfora da eliminação dos sete pecados capitais (luxúria, gula, inveja, preguiça, etc.), como lembra Walnice Galvão (1978).

Quanto ao sentido mítico, pudemos fazer essa constatação quando juntamos os dados que marcam sua trajetória de despojamento do homem que vivia nele, e do encontro com sua ancestralidade de natureza animal-onça, seu tio.

No código mítico do narrador, o pai é o tio. Pertence ao clã tribal da mãe, cujo totem é onça, seu ancestral, sua origem. As lembranças da infância, no sertão fechado, fazem com que se descubra sua identidade. Isso ocorre depois de ter lutado com uma onça que o batiza com sangue derramado na sua cabeça e com uma arranhada na sua testa, em forma de cruz. Ao despertar, encontra, dormindo ao seu lado, a onça Maria-Maria que, a partir desse encontro lírico, guia-o com seus olhos fogosos para uma nova caminhada: a redescoberta de si mesmo e o reconhecimento de sua gente. Lembra-se de sua mãe Mar'Iara Maria, que lhe ensina o valor da liberdade e o medo da prisão. Lembra-se que se tornou caçador nômade por uma questão de sobrevivência: quando o fazendeiro colonizador entrou em contato com a sua tribo. O nativo que vivera nele fora gradativamente destribalizado, perdendo a identidade, unindo-se ao fazendeiro; caçando onça para vender a pele.

Posteriormente, ao encontrar a identidade junto ao seu totem, descoloniza-se, unindo-se às onças, identificando-se com sua natureza animal através da metamorfose. Passa a matar homens e alimentar seus parentes. Quando ocorre a metamorfose ele volta ao passado primordial, passando da cultura à natureza e, pressupostamente, à sua sobrenatureza. Ao transformar-se em onça, à semelhança de seus ancestrais, inverte os valores. Deixa de matar onças, (era pago pelo fazendeiro e gostava do dinheiro) e passa a matar homens.

Os fatos retrospectivos são revividos de tal forma que a palavra ou verbo se torna criação, no momento da metamorfose. Neste sentido, podemos falar em tempo místico, como aquele que repete o ato inicial da criação, aquele que regenera e fecha o círculo. O fim é também o começo.

Além da já referida, podemos ainda fazer uma leitura psicológica, ao considerarmos alguns aspectos místicos que recortam o texto.

O primeiro dado dessa leitura refere-se ao encontro lírico do nativo com Maria-Maria, a onça, que tem aspectos de mãe e amante. Ao olhar nos seus olhos, reconhece o fogo de seus ancestrais. Além de nascer um grande amor entre ambos, a onça passa a ser sua grande protetora. A partir daí, há um processo de auto-observação e conseqüente auto-realização ao eliminar, embora simbolicamente, seus sete pecados capitais. Se observarmos, cada indivíduo que mata para alimentar as onças, repondo as perdas, é portador de um daqueles pecados.

Nesse sentido, podemos considerar que houve uma revolução na consciência do nativo: arrependimento e purificação. Seus defeitos são gradativamente eliminados metaforicamente, sendo que todos os setes pecados correspondentes aos mortos podem ser atribuídos a uma única pessoa. Ao desconstruir-se com a purificação, tenta o reequilíbrio com a natureza. Porém, falta ainda o sacrifício de sua própria vida para promover a harmonia cósmica; isto ocorre, ao nosso ver, quando é queimado pelo fogo do visitante. Transforma-se, então, numa estrela, deificando-se.

Uma leitura complementar, tendo em vista as cores, pode auxiliar a compreensão do nosso ponto de vista da desconstrução do ser.

As cores têm, no texto, uma significação especial. Elas formam uma rede de figuras interligadas; funcionam como código não-verbal, pois salvaguardam uma informação. Têm um percurso de começo, meio e fim. Parte do seu simbolismo pode ser identificado em culturas indígenas, na cabala, na mitologia grega e na Bíblia Sagrada. As cores configuram-se como um sistema de comunicação e têm estrutura da mesma maneira que outros elementos da narrativa.

De acordo com a ordem em que as cores aparecem no texto, podemos associá-las da seguinte forma: o preto, no início da narrativa, seria o sertão escuro, o caos primordial; o amarelo, a seguir, o foguinho no rancho, a iluminação, o verbo; o vermelho, o sangue da última onça que morre depois de batizar o nativo; novamente o amarelo do fogo iluminador nos olhos de Maria-Maria, a sabedoria e o amor; o verde, a floresta onde vivem; o azul, a pedra preciosa, a elevação espiritual, a purificação; finalmente o preto, o caos que se instaura ao fechar o círculo com a morte. O amarelo, subentendido pelo fogo e pela sétima estrela que vararia ao morrer, seria a transcendência. Enfim, pode-se afirmar que as cores têm uma estrutura cíclica dos demais elementos da narrativa; constituem um todo significativo.

Lembramos, finalmente, que esse conjunto de elementos nos deu as várias possibilidades de leitura do texto e configura uma significação onde reviver é viver, onde viver é ser, onde ser é transcender e onde transcender é eternizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALVÃO, W.N. *Mitológica roseana*. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio, 37).
- GUIMARÃES ROSA, J. Meu tio Iauaretê. In: — *Estas estórias*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1969.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAMPOS, H. de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis: Vozes, 1967.

CAMPOS, H. de. A linguagem do Iauaretê. In: COLEÇÃO Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.

CARVALHO, S.S. *Jurupari: estudos de mitologia brasileira*. São Paulo: Ática, 1979. (Ensaio, 62).